

O PLEISTOCENO NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SÃO RAIMUNDO NONATO, PIAUÍ, BRASIL

LYDIA GAMBÉRI
Missão Franco-Brasileira no Piauí

A área arqueológica de São Raimundo Nonato, no sudeste do Estado do Piauí, é um quadrilátero de cerca de 40.000 Km² de superfície compreendendo os municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Anísio e Abreu, Canto do Buriti e Caracol.

As pesquisas, iniciadas em 1970, são atualmente objeto de trabalho de uma equipe interdisciplinar que tem intensificado seus esforços nestes últimos anos com vistas a completar a sequência crono-cultural regional. Já foi determinado um primeiro quadro que demonstra a presença humana e a evolução das sociedades que viveram na região desde há 32.000 anos BP até a chegada dos colonizadores.

Inicialmente nos parece necessário precisar a cronologia que adotamos para o pleistoceno. Considerando a diversidade de opiniões entre os autores decidimos adotar uma divisão geralmente aceita para a América do Norte e que pode ser aplicada à América do Sul. Assim consideramos que o pleistoceno inferior compreende o período compreendido entre dois milhões e seiscentos mil anos; o pleistoceno médio cobre o espaço de tempo entre seiscentos mil e cem mil anos considerando-se que a partir desta data até doze mil anos se desenvolve o pleistoceno superior.

Esboçaremos a seguir uma síntese sobre os dados de que dispomos sobre a presença humana na área de São Raimundo Nonato durante o pleistoceno. É necessário ter presente que as pesquisas estão em pleno desenvolvimento e que o avanço dos trabalhos traz sempre novos elementos para a aprimoração do nosso conhecimento sobre a zona.

Nos últimos meses novas descobertas permitiram a obtenção de indícios preciosos que nos permitem avançar algumas hipóteses de trabalho.

A Toca do Serrote do Artur é uma caverna situada em um afloramento calcáreo à leste do povoado de Várzea Grande na planície pré-cambriana. Um grande salão, ao qual se acede descendo por um declive acentuado, coberto de blocos caídos do teto, constitui a primeira parte de um vasto sistema de galerias que se continuam para o fundo, tanto para patamares superiores como para corredores profundos. Esse salão hoje não é mais completamente escuro mas é iluminado por uma tênue luz que atravessa parte desmoronada do teto deixando todo o espaço anterior em uma penumbra. Mas a parte posterior do salão e o acesso às galerias é completamente escuro.

Em uma galeria descendente os zoólogos da Missão Franco-Brasileira, empenhados em capturar morcegos, encontraram um fêmur fossilizado, que sobressaía do sedimento. Em razão desta descoberta uma prospecção arqueológica foi realizada na Toca e resultou na descoberta de outros ossos, também fossilizados e recobertos por um depósito calcáreo, ao lado do local onde havia sido encontrado o fêmur. Foi possível observar que o salão tinha um preenchimento sedimentar importante, de mais de três metros de espessura e que essas camadas haviam sido parcialmente erodidas pela água que começou a penetrar na caverna quando o teto desmoronou. Foi a ação da água que descobriu os ossos que foram em seguida recobertos pelo depósito calcáreo. Isso indica que a erosão é provavelmente antiga e isto poderá ser o indício de épocas mais úmidas quando as chuvas formavam torrentes fortes que podiam penetrar pelo alto do serrote e erodir as camadas arqueológicas no interior da caverna.

Cumprir notar que os ossos não apresentavam marcas de terem sido rolados violentamente, nem transportado para longe pois suas arestas, mesmo quando delgadas e finas, estavam intactas. Alguns dos ossos estavam lascados ou quebrados pela ação possivelmente humana.

Os ossos pertenciam a diferentes espécies, tanto da megafauna fóssil como da fauna atual. A paleontóloga da equipe, Maria Amélia Curvelo Vogel, está estudando atualmente o material, mas podemos avançar que o mesmo, segundo identificação preliminar feita por R. Tedford do American Museum of Natural History de New York, corresponderia a uma espécie de camelo, muito similar ou idêntica a uma espécie característica do pleistoceno inferior norte-americano, ao cavalo americano, ao gliptodonte, à queixada (pecari) e uma diáfise não identificada. Estes ossos de diferentes espécies foram encontrados lado a lado, alguns estavam mesmo em contacto.

A natureza das camadas do sedimento que constituía o solo da caverna, a posição da mesma que faz com que a entrada esteja situada no alto do serrote, sendo necessário passar por entre blocos rochosos para atingi-la, nos faz propor a hipótese de que esses animais não teriam entrado de *matu proprio* na gruta mas sim que teriam sido levados para dentro pelo animal que os caçou. E existe uma possibilidade de que este animal tenha sido o homem.

Foram encontradas no salão, não em conexão com os ossos, mas na parte mais próxima do que resta das camadas arqueológicas, aliás, entre estas e a subida para a abertura do teto, duas peças líticas que estavam na superfície. Trata-se de dois exemplares de pebble-tool sendo um do tipo chopper e outro um chopping-tool. A matéria-prima dessas peças é exógena à gruta calcárea e elas foram realmente lascadas, sem a menor dúvida, possuindo também uma patina que faz pensar que não faz muito tempo que elas foram desenterradas. Não podemos, atualmente, estabelecer relações entre essas peças e a fauna fóssil.

A existência de um caméldeo que parece ser um representante de uma espécie do pleistoceno inferior da América do Norte é um indício que devemos considerar e que, se se confirmar, pode nos autorizar a levantar a hipótese de que este animal poderia ser, na América do Sul, cronologicamente colocado no pleistoceno médio.

A presença de um caméldeo poderia ser um indicador de um clima árido e de uma cobertura vegetal diferente da atual.

Temos também ossos de cavalo, de gliptodonte e mesmo de queixada, animal presente até hoje na região. Mas como não se dispõe de datações que situem, cronologicamente, o desaparecimento do cavalo americano e do tatu gigante não podemos definir a época à qual corresponderiam esses restos.

Somente a escavação que será realizada este ano nesse importante sítio poderá trazer uma resposta definitiva para todas essas questões. Não foi possível realizar nem mesmo uma sondagem por causa da falta de luz. Será necessário instalar geradores e lâmpadas no interior do salão e das galerias para poder realizar uma escavação sistemática.

As prospecções e sondagens que têm sido realizadas nas grutas e abrigos dos maciços calcáreos e nas lagoas da depressão pré-cambriana permitem também que tenhamos uma idéia sobre a estratigrafia de depósitos que poderiam ser do pleistoceno médio e que são caracterizados pela presença marcada de uma megafauna bem específica. Na falta de datações absolutas (as quais estão sendo realizadas atualmente na França e nos Estados Unidos) podemos propor como hipótese que essa megafauna pertença à parte final do pleistoceno médio e início do pleistoceno superior. A observação do tipo de fossilização e do estado de conservação dos ossos são os indícios que nos levam a levantar tal hipótese. Os ossos dos maciços calcáreos estão completamente silicificados, a matéria esponjosa foi transformada em uma massa desorganizada, os ossos são extremamente pesados. Os ossos da megafauna das lagoas, sobretudo da Lagoa São Vitor, guardam ainda sua estrutura. Nas lagoas os ossos ficaram enterrados na vasa e são portanto mais bem protegidos do que nos serrotes calcáreos.

Note-se que não se trata de descobertas de ossos isolados mas sim de concentrações extremamente importantes de uma fauna variada: *Eremotherium*, *Megatherium*, cavalo americano, gliptodonte e outros ainda não identificados, que parecem ter sido vítimas de um mesmo destino quase que ao mesmo momento.

Poderíamos talvez pensar que a transição pleistoceno médio-pleistoceno final foi uma época de grandes mudanças, com uma acentuação das características que evoluíram para as condições que reinam atualmente na região.

Nós trabalhamos, por comodidade, dividindo o pleistoceno superior em dois períodos distintos: o primeiro, mais antigo, que vai de 100.000 até cerca de 40.000 anos o outro cobrindo o espaço de tempo entre esta última data e 12.000 anos. Passamos a explicar as razões de tal divisão. Dois critérios entram em jogo:

- a hipótese de que a presença do homem na América do Sul é mais antiga do que se supunha e que é legítimo supor que ele foi contemporâneo de um certo tipo de megafauna;

- a certeza de que sua presença é atestada arqueologicamente por volta de há 32.000 anos.

É portanto necessário recolocar o problema do povoamento da América com toda a polêmica que isso acarreta. Aceitamos tanto a tese da entrada pela Beringia como a da via oceano Pacífico mas pensamos que elas correspondem a chegadas mais recentes de povos portadores de um certo tipo de identidade cultural. Um povoamento único, no sentido norte-sul, pela costa oeste, não é, a nosso ver, uma explicação satisfatória. Porque não seria possível propor outras vias de entrada pela costa este e um caminhar posterior no sentido norte-sul?

Note-se bem que estamos propondo unicamente hipóteses de trabalho que devem ser verificadas por um trabalho intenso de pesquisa interdisciplinares.

Um sítio de grande interesse descoberto em 1986 poderá fornecer novos elementos para a solução desse problema. Trata-se da Toca da Barra do Antonião, grande abrigo situado na entrada de galerias subterrâneas de um afloramento calcáreo situado a alguns quilômetros da Toca do Serrote do Artur, na planície pré-cambriana. As escavações aí realizadas e que devem se prosseguir durante o próximo mês de maio, forneceram evidências irrefutáveis da contem-

poraneidade do homem e da megafauna, sendo esta representada por espécies como cavalo americano, *Eremotherium* e outras ainda não identificadas. Amostras de ossos dessa megafauna enviados aos Estados Unidos para datação forneceram provas claras de que haviam sido lascados e quebrados pela ação humana. Foram também encontradas pelas líticas, *in situ* na mesma camada que os fósseis assim como restos de carvão, restritos a duas pequenas zonas cercadas por blocos de pedra. É importante notar que a matéria-prima dessa indústria lítica (quartzo, quartzito, arenito) é exógena ao sítio e é somente encontrada nas formações areníticas da bacia sedimentar. Uma falange fossilizada havia sido trabalhada de maneira a se transformar em instrumento pontiagudo. Este instrumento, que está sendo analisado atualmente em Paris para verificação dos micro-traços de uso, é o primeiro do tipo a ser encontrado em São Raimundo Nonato.

A segunda divisão (40.000-12.000) nos coloca diretamente na presença definitivamente atestada da presença humana há 32.160 $\pm$ 1.000 anos BP (GIF6653); 31.700 $\pm$ 830 anos BP (GIF 6652) no abrigo Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada no qual tanto a arte rupestre como um importante tecno-complexo lítico especializado fornecem grande quantidade de dados sobre as sociedades humanas que freqüentaram o sítio.

N. Guidon (Guidon e Delibrias, 1986) estabeleceu uma sequência de fases culturais a partir destas datas antigas, sequência essa baseada nos dados estratigráficos, na análise do material lítico e da arte rupestre. Essa sequência, cronologicamente, cobre o pleistoceno superior final e o holoceno apesar de não ser, ainda, exaustiva. A fase mais antiga, situada entre 32.000 e 17.000 anos é chamada Pedra Furada, dividida em quatro estádios nos quais pode-se estudar a evolução da indústria lítica e das estruturas de combustão. O fim do pleistoceno, início do holoceno é marcado, nesse sítio, pelo aparecimento da fase Serra Talhada, também descrita por N. Guidon, *op. cit.*

Em dois outros abrigos da área arqueológica de São Raimundo Nonato foram encontrados vestígios que são ligados a esse segundo período do pleistoceno superior. Trata-se da Toca do Meio para a qual foram obtidas datações de 14.300 $\pm$ 400 anos BP (GIF 5399); 12.440 $\pm$ 230 anos BP (GIF 5403) e 13.900 $\pm$ 300 anos BP (GIF 4927). Esse abrigo é ornado por pinturas e gravuras e as escavações permitiram a constituição de uma coleção lítica caracterizada pelo domínio dos siltitos como matéria-prima mais utilizada. Não foram encontrados fogões estruturados mas simples-

mente fogos, formando lentes de cinzas e carvões entre os blocos caídos do teto.

A Toca do Caldeirão do Rodrigues I completa a lista de sítios que pertencem ao pleistoceno superior. Nesse abrigo uma pequena sondagem permitiu a descoberta de vários níveis arqueológicos. O solo arqueológico mais profundo que pode ser atingido foi o nível VIII para o qual dispomos de uma datação C-14 de 18.600 $\pm$ 600 anos BP (GIF 5406). Cumpre notar que nesse solo não foram encontradas peças líticas mas os carvões datados provêm de um fogão estruturado. Esse nível VIII não era o último mas não foi possível continuar a sondagem em razão dos inúmeros blocos caídos do teto que impediram o prosseguimento do trabalho.

É portanto claro que a fase final do pleistoceno é, atualmente, a mais conhecida e a mais representativa da sequência cultural regional colocando em evidência diferenças no interior de um mesmo grupo étnico que poderiam ser o resultado seja de influências, seja de trocas ou de assimilação.

No que concerne aos períodos mais antigos, pleistoceno médio e inferior é ainda muito cedo para se fazer afirmações porque a maior parte dos vestígios arqueológicos está sendo, neste momento, estudado ou datado. Mas entretanto podemos concluir dizendo que já comprovamos a contemporaneidade entre o homem e a megafauna e que a presença humana na América do Sul é muito antiga, independentemente das vias de penetração e de eventuais similaridades biológicas ou culturais com outros continentes.

BIBLIOGRAFIA

- GUIDON, N. Les premières occupations humaines de l'aire archéologique de São Raimundo Nonato, Piauí, Brésil. **L'Antropologie** 88 (2). 1984.
- . Las unidades culturales de São Raimundo Nonato – sudeste del estado de Piauí – Brésil. **New Evidence for the pleistocene peopling of the Americas**. Alan L. Bryan (Editor). 1986.
- GUIDON, N. e DELIBRIAS, G. C-14 dates point to man in the Americas 32.000 years ago **Nature**, 321. 1986
- GRUHN, R. The settlement of the Americas: South American evidence for an expanded time frame. **Scientific American**. No prelo.
- HEDBERY, H. **Guide stratigraphique international**. Ed. doin.